



**“A nossa única defesa  
contra a morte é o  
amor.”**

**José Saramago**

“Quando eu falo de pessoa a pessoa, quer dizer, da pessoa autor que sou à pessoa-leitor que o leitor é, **tudo o que faço é depositar nele a inquietação para definir as mudanças que ele imagine necessárias.**”

**José Saramago**

# O elogio do sonho

A construção da passarola



# O Voador

*Era uma vez um padre que  
queria voar e morreu doido.*



“Agora me disse aquele meu amigo João Elvas que **tendes apelido de Voador**, padre, por que foi que vos deram tal nome, perguntou Baltasar. [...] Porque eu voei, e disse Baltasar, duvidoso, Com perdão da confiança, só os pássaros voam, e os anjos, e os homens quando sonham, mas em sonhos não há firmeza, [...] Pois eu fiz dois anos que voei, primeiro fiz um balão que ardeu, depois construí outro que subiu até ao teto duma sala do paço, enfim outro que saiu por uma janela da Casa da Índia e ninguém tornou a ver, Mas voou em pessoa, ou só voaram os balões, Voaram os balões, foi o mesmo que ter voado eu, Voar balão não é voar homem, **O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voará**, respondeu Bartolomeu Lourenço, [...]

Tenho sido a risada da corte e dos poetas, [...] **se não fosse a proteção de el-rei não sei o que seria de mim, mas el-rei acreditou na minha máquina** e tem consentido que, na quinta do duque de Aveiro, a S. Sebastião da Pedreira, eu faça os meus experimentos,”

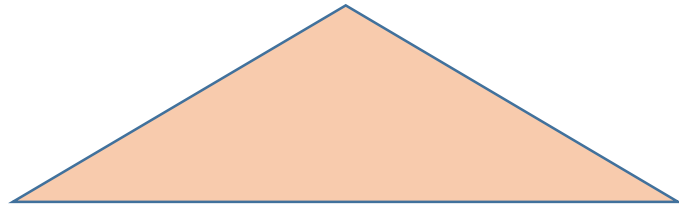
## O convite

Padre Bartolomeu Lourenço, eu destas coisas não entendo, fui homem do campo, soldado deixei de ser, e não creio que alguém possa voar sem lhe terem nascido asas, quem o contrário disser, entende tanto disso como de lagares de azeite, Esse gancho que tens no braço não o inventaste tu, foi preciso que alguém tivesse a necessidade e a ideia, que sem aquela esta não ocorre, juntasse o couro e o ferro, e também estes navios que vês no rio, houve um tempo em que não tiveram velas, e outro tempo foi o da invenção dos remos, outro o do leme, e, **assim como o homem, bicho da terra, se fez marinheiro por necessidade, por necessidade se fará voador, [...]**

**Queres tu vir ajudar-me, perguntou. [...]** Sete-Sóis ouvira com atenção. Olhou o desenho e os materiais espalhados pelo chão, a concha ainda informe, sorriu, e, levantando um pouco os braços, disse, **Se Deus é maneta e fez o universo, este homem sem mão pode atar a vela e o arame que hão-de voar.”**



# A trindade terrestre: a conjugação dos saberes



- **Bartolomeu** - o desejo (sonho) e a ciência (o conhecimento)
- **Baltasar** – o trabalho artesanal
- **Blimunda** – a magia (recolha das vontades)

O poder do sonho, da vontade e do trabalho em equipa



## A concretização do sonho de voar

**“Não tinham medo, estavam apenas assustados com a sua própria coragem. O padre ria, dava gritos, deixara já a segurança do prumo e percorria o convés da máquina de um lado a outro para poder olhar a terra em todos os seus pontos cardeais, tão grande agora que estavam longe dela, enfim levantaram-se Baltasar e Blimunda, agarrando-se nervosamente aos prumos, depois à amurada, deslumbrados de luz e de vento, logo sem nenhum susto, Ah, e Baltasar gritou, Conseguimos, abraçou-se a Blimunda e desatou a chorar, parecia uma criança perdida, um soldado que andou na guerra, que nos Pegões matou um homem com o seu espigão, e agora soluça de felicidade abraçado a Blimunda, que lhe beija a cara suja, então, então. O padre veio para eles e abraçou-se também, [...]”**

• Cap. 16



***“Era uma vez a gente  
que construiu esse  
convento.”***

**A epopeia do trabalho**



## A construção do convento

- D. João V escolhe o **sítio do Alto da Vela**, em Mafra (cap. 8);
- Baltasar, ao regressar à casa paterna, vai saber da construção pelo pai, **um dos expropriados** (cap. 10);
- Os trabalhadores dormem em grandes barracas de madeira (**ilha da madeira**): “**gente de muita força e pouco mimo**”, “**grosseiras legiões**” guardadas por soldados, “**rotos uns, rasgados outros**” (cap. 11);
- **Benção da primeira pedra**, cerimónia reveladora do **excesso** e da **exuberância do monarca**, que apressa os responsáveis da obra:

“Agora despachem-se com isto, **há mais de seis anos que fiz o voto**, não estou para andar com os franciscanos à perna todo o tempo, então o nosso convento, por causa do dinheiro não sejam os atrasos, **gasta-se o que for preciso** [...]”.



## A construção morosa do convento

- Baltasar regressa a Mafra e procura trabalho; já não tem o carro de bois, que se partiu...
- “ [...] **não fosse Deus tão descuidado, e os bens dos pobres seriam eternos.**”
- “Desde que o sol nasce até que se põe, Baltasar, e com ele, quantos mais, setecentos, mil, mil e duzentos homens, carregam os carros com terra e pedras [...]. **Passam os dias, as semanas, e as paredes mal crescem.**”

• Cap. 17



# Luxo do rei versus miséria do povo

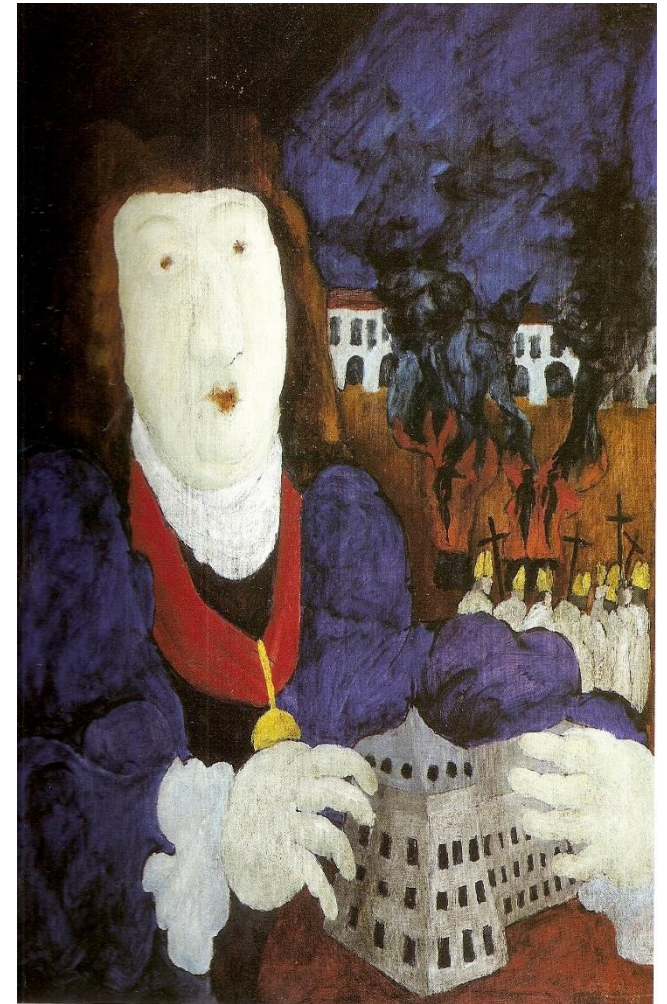
“Medita D. João V no que fará a tão grandes somas de dinheiro [...]. De Portugal não se requeira mais que pedra, tijolo e lenha para queimar, e homens para a força bruta, ciência pouca.”

- **Conversa dos trabalhadores:**

Francisco Marques:

“[...] tenho mulher e três filhos pequenos, toda a minha vida foi trabalhar de jornal, e, como da miséria não via jeito de sair, resolvi vir trabalhar para o convento. [...] mas os pobres como nós têm de comprar tudo, não lhes vem por negócio da Índia ou do Brasil, não temos empregos ou comendas do paço [...] e se é verdade que vieram obrigados de Lisboa muitos deles, eu por necessidade vivo e necessitado continuo.”

- **Cap. 18**



## Conversa dos trabalhadores

- José Pequeno (corcunda), Joaquim da Rocha, Manuel Milho, João Anes (tanoeiro), Julião Mau-Tempo:
- “[...] vim trabalhar para Maфра por causa das grandes fomes de que padece a minha província, nem sei como resta gente viva, [...] mas os reis e os fidalgos, quando não é dia de nos fazer correr e morrer a nós, fazem correr e morrer a caça, por isso aí do pobre que for apanhado com um coelho na saca, ainda que o tivesse achado já morto de doença ou velhice, o menos que lhe pode suceder é levar uma dúzia de vergastadas pelas costas, **para aprender que quando Deus fez os coelhos foi para divertimento e panela dos senhores [...]**



## A epopeia da pedra

“Estava Baltasar há pouco na sua nova vida, quando houve notícia de que era preciso ir a Pêro Pinheiro buscar uma pedra muito grande que lá estava, destinada à varanda que ficará sobre o pórtico da igreja [...].”

• **Cap. 19**



## A imortalização dos humildes

“Daqueles homens que conhecemos no outro dia, vão na viagem João Pequeno e Baltasar [...] vai Francisco Marques[...] e também Manuel Milho [...] Vão outros Josés, e Franciscos, e Manuéis, serão menos os Baltasares, e haverá Joões, Álvaros, Antónios e Joaquins, talvez Bartolomeus [...] e Pedros, e Vicentes, e Bentos, Bernardos e Caetanos, **tudo quanto é nome de homem vai aqui, tudo quanto é vida também, sobretudo se atribulada, principalmente se miserável, já que não podemos falar-lhes das vidas, por tantas serem, ao menos deixemos os nomes escritos, é essa a nossa obrigação, só para isso escrevemos, torná-los imortais**, pois aí ficam, se de nós depende Alcino [...] Zacarias, uma letra de cada um para ficarem todos representados, porventura nem todos estes nomes serão os próprios do tempo e do lugar, mas, enquanto não se acabar quem trabalhe, não se acabarão os trabalhos, e alguns destes estarão no futuro de alguns daqueles, à espera de quem vier a ter o nome e a profissão.”

# A epopeia da pedra



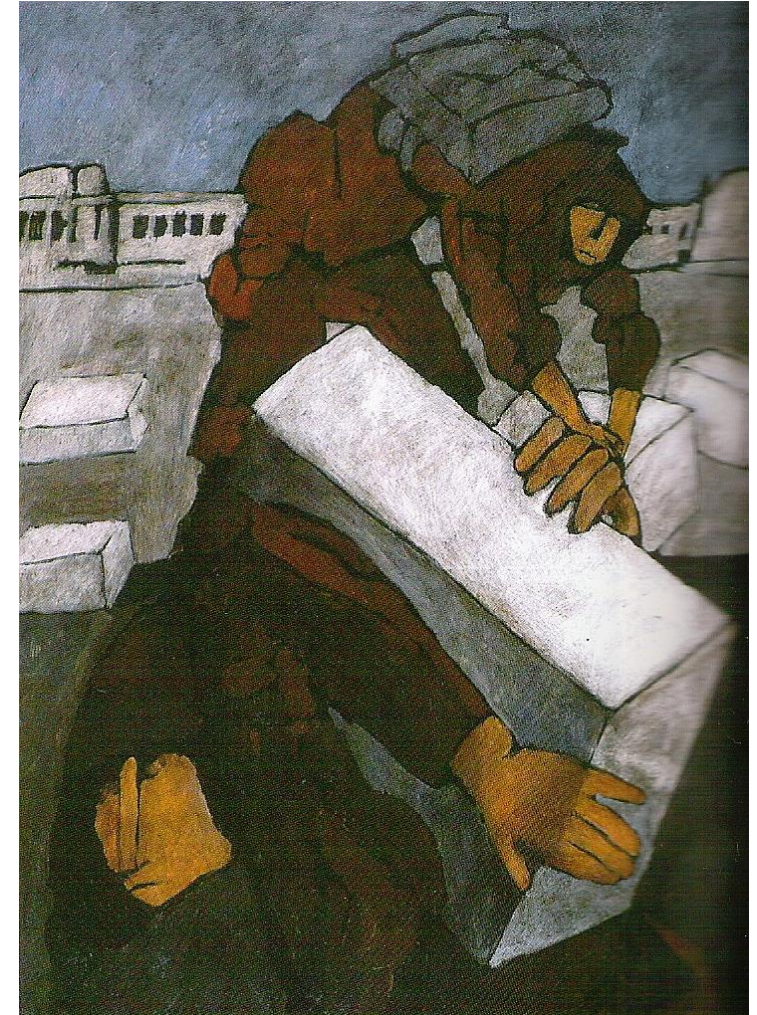
- “O dia seguinte foi de **grandes aflições** [...].
- Mas **a aflição** tornava-se **agonia** se o caminho era a descer.
- Tão grande fora o **sofrimento** daquele arrastado dia que todos diziam, Amanhã não pode ser pior, e no entanto sabiam que iria ser pior mil vezes.
- [...] e tudo por causa de uma pedra que não precisaria ser tão grande [...] **por via destes e outros tolos orgulhos é que se vai disseminando o ludíbrio geral, com suas formas nacionais e particulares**, como esta de afirmar nos compêndios e histórias, Deve-se a construção do convento de Mafra ao rei D. João V, por um voto que fez se lhe nascesse um filho, **vão aqui seiscentos homens que não fizeram filho nenhum à rainha e eles é que pagam o voto, que se lixam, com perdão da anacrónica voz.**”



## Condições desumanas

**“Fatigosos dias, mal dormidas noites.** Por estes barracões repousam os operários, passam de vinte mil, acomodados em **beliches toscos**, para muitos, em todo caso, melhor cama que a nenhuma das suas casas, **só a esteira no chão, o dormir vestido, a capa por inteiro agasalho**, ao menos, em tempo de frio, se aquecem aqui os corpos uns aos outros, pior é quando vem o calor, com o bichedo de pulga e percevejo a chupar o sangue, e também o piolho da cabeça, o outro do corpo, os torturantes pruridos. E o comichar do sexo, o engorgitamento dos humores, as descargas seminais do sonho, o vizinho de beliche resfolgando, se não há mulheres que faremos. É certo que há mulheres, porém não chegam a todos. [...]”

• Cap. 20





## Condições desumanas: doenças venéreas

- “Vieram para aqui rapagões que hoje, passados três ou quatro anos, **estão podres dos pés à cabeça**. Vieram limpas mulheres que mal acabaram de morrer tiveram de ser enterradas fundo porque se desfaziam em trampa e envenenavam o ar. No dia seguinte a casa tem nova inquilina. A enxerga é a mesma, os trapos nem foram lavados, um homem bate à porta e entra, não há perguntas a fazer nem respostas a dar, **o preço é conhecido**, desaperta-se ele, ela levanta as saias, gemeu ele o seu gozo, ela não precisa fingir, **estamos entre gente séria**.”

## D. João V, rei caprichoso e megalómano

- “É minha vontade que seja construída na corte uma igreja como a de S. Pedro de Roma [...].”
- “Hei de então não satisfazer esta minha vontade [...] Tão pouco assim viverei, A obra é longa, a vida é curta.” [...]
- “Enfim o rei bate na testa [...] E se aumentássemos para duzentos frades o convento de Mafra, quem diz duzentos diz quinhentos, diz mil, estou que seria uma ação de não menor grandeza que a basílica que não pôde haver. O arquiteto ponderou, Mil frades, quinhentos frades, é muito frade, majestade [...] Então quantos, Digamos trezentos, e mesmo assim já vai ser pequena para eles a basílica que desenhei e está a ser construída [...], Sejam trezentos, não se discute mais, é esta a minha vontade, Assim se fará, dando vossa majestade as necessárias ordens.
- Foram dadas.”



# Requisição obrigatória dos trabalhadores

“Então el-rei mandou apurar quando cairia o dia do seu aniversário, vinte e dois de outubro, a um domingo, tendo os secretários respondido, após cuidadosa verificação do calendário, que tal coincidência se daria daí a dois anos, em mil setecentos e trinta, **Então é nesse dia que se fará a sagração da basílica de Mafra, assim o quero, ordeno e determino** [...]”

**Ordeno** que a todos os corregedores do reino se mande que reúnam e enviem para Mafra quantos operários se encontrarem nas suas jurisdições, sejam eles carpinteiros, pedreiros ou braçais, retirando-os, **ainda que por violência**, dos seus mesteres, **e que sob nenhum pretexto os deixem ficar**, não lhes valendo considerações de família, dependência ou anterior obrigação, **porque nada está acima da vontade real, salvo a vontade divina**, e a esta ninguém poderá invocar, que o fará em vão, porque precisamente para serviço dela se ordena esta providência, **tenho dito.**”



## Requisição obrigatória dos trabalhadores



“Foram as ordens, vieram os homens. De sua própria vontade alguns, aliciados pela promessa de bom salário, por gosto de aventura outros, por desprendimento de afetos também, **à força quase todos**.[...].

Deitava-se o pregão nas praças, e, sendo escasso o número de voluntários, ia o corregedor pelas ruas, acompanhado dos quadrilheiros, entrava nas casas, empurrava os cancelos dos quintais, saía ao campo a ver onde se escondiam os relapsos, ao fim do dia juntava dez, vinte, trinta homens, e quando eram mais que os carcereiros **atavam-nos com cordas, variando o modo, ora presos pela cintura uns aos outros, ora com improvisada pescoceira, ora ligados pelos tornozelos, como galés ou escravos**. Em todos os lugares se repetia a cena, [...] **muitos eram metidos no caminho a sangrar.**”



## Intertextualidade: *Os Lusíadas*

“Corriam **as mulheres, choravam, e as crianças** cresciam o alarido [...]. Já vai andando a récua dos homens de Arganil, acompanham-nos até fora da vila as infelizes, que vão clamando, **qual em cabelo, ó doce e amado esposo**, e outra protestando, **ó filho, a quem eu tinha só para refrigério e doce amparo desta cansada já velhice minha**, não se acabavam as lamentações, tanto que **os montes de mais perto respondiam, quase movidos de alta piedade**, enfim já os levados se afastam, vão sumir-se na volta do caminho, rasos de lágrimas os olhos, em bagadas caindo aos mais sensíveis, **e então uma grande voz se levanta**, é um labrego de tanta idade já que o não quiseram, e grita subido a um valado que é **púlpito de rústicos**, **O glória de mandar, ó vã cobiça, ó rei infame, ó pátria sem justiça**, e tendo assim clamado, veio dar-lhe o quadrilheiro uma cacetada na cabeça, que ali mesmo o deixou por morto.

**Quanto pode um rei.”**

## D. João V

### Desmitificação do rei:

- Clientelismo e interesse dos frades; devassidão das freiras
- Valorização exclusiva do que é estrangeiro
- Luxúria e egoísmo
- Ambição e megalomania
- Receio de morrer antes de acabada a obra
- Vaidade
- Tirania

**A figura real é constantemente ridicularizada pelo narrador.**

# O povo construtor: os heróis



## A exaltação dos humildes, dos silenciados

- Valorização do trabalho
  - Miséria
  - Dor da separação das famílias
  - Sofrimento dos trabalhadores
  - Opressão
- 
- **Imortalização dos construtores anónimos, aqueles a quem a História não deu voz, mas que, com o seu trabalho, edificam e mudam o trajeto da História.**

**“O destino de cada um é na mão dos outros que está.”**

**José Saramago**

